**COMPONDO CURRÍCULOS NÔMADES NOS COTIDIANOS ESCOLARES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Daniele Fonseca, UFES.

**Resumo**

Este artigo é parte de uma pesquisa em andamento com turmas do segundo segmento da EJA de uma escola pública da rede municipal que aposta na composição de currículos nômades constituídos nos movimentos de corpos coletivos nos cotidianos escolares. Problematiza como as macro/micropolíticas engendram currículos nômades, configurando linhas de fuga nos cotidianos escolares da Educação de Jovens e Adultos. Objetiva cartografar os processos de composições curriculares que ocorrem nos encontros coletivos e nos espaços de ensino-aprendizagem, como outros modos possíveis de ser e estar na educação. Entende-se que a cartografia, como metodologia de pesquisa, requer o acompanhamento com olhar sensível do cartógrafo aos deslocamentos traçados nas composições de mapas abertos, passíveis de rasuras e mudanças de percurso. As ferramentas teórico-conceituais apresentadas têm como intercessores teóricos Deleuze, Guattari, Rolnik, Gallo e Foucault, para problematizar os conceitos de *macro/micropolítica* entendidos como forças indissociáveis em constante relaçãona educação; *currículos nômades* como *linhas de fuga* a outros fazeres possíveis; e *heterotopias* como o espaço do fora, os espaços dessacralizados de aprendizagens nas composições curriculares com a EJA. Como conclusão parcial, aponta os movimentos que constituem currículos nômades como insurgências tecidas nos encontros, nos afetos e afecções de corpos coletivos que potencializam a vida dos cotidianos escolares da EJA.

Palavras Chaves: Macro/micropolíticas; Currículos nômades; Cotidianos escolares; EJA.

**COMPONDO CURRÍCULOS NÔMADES NOS COTIDIANOS ESCOLARES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Daniele Fonseca

# No atual contexto de tentativas de engessamento da educação pública no Brasil, referente aos processos de hegemonização de políticas curriculares que atendam aos interesses mercadológicos capitalista, é fundamental o desenvolvimento de diálogos, problematizações, tensionamentos que provoquem uma insurgência com escapes às capturas da vida que pulsa nas escolas. Acreditamos na resistência coletiva que acontece, entre outros modos, pelas composições de currículos constituídos com a multiplicidade dos corpos coletivos. Desejamos, junto à grupalidade heterogênea que habita o território da Educação de Jovens e Adultos, cartografar os processos de criação de currículos vivos, pulsantes, concebidos como mecanismos de insurgência da coletividade (Guattari; Rolnik, 1986).

Apesar das dificuldades de articulações coletivas, devido, entre outros fatores, ao tempo reduzido destinado ao planejamento/formação entre profissionais da educação, temos observado o fortalecimento de problematizações, pesquisas e práticas cotidianas que valorizam os fazeres coletivos a partir dos encontros, das relações e trocas envolvendo toda a comunidade escolar. Assim, o acompanhamento desses movimentos torna-se cada vez mais relevante para que esses processos sejam coletivizados e ganhem ressonâncias como outras possibilidades de ensinar-aprender, de ser e estar na educação.

Os trajetos da pesquisa constituem-se no plano das relações de poder, das formas e forças que se engendram nos processos de ensino-aprendizagem, em um território atravessado por múltiplas forças que, em uma esfera molar, determinam modos instituídos de políticas curriculares que se afirmam por relações verticais, hierárquicas e hegemônicas e, em uma esfera molecular, forças heterogêneas, transversais que se conectam em emaranhadas linhas que abrem passagens para desejos, pensamentos, experimentações e inventividades como modos de resistência às tentativas de engessamento.

Esta é, portanto, uma escrita-resistência que transita no território das criações curriculares em uma perspectiva rizomática, fluida e mutável. Uma escrita atenta às intensidades que pedem passagem, aos movimentos de forças que desterritorializam e reterritorializam incessantemente. Trata-se de ressonâncias de uma pesquisa cartográfica feita com o corpo coletivo da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em uma escola municipal da rede pública. Na escolha da escola, consideramos as experiências coletivas do corpo docente ao longo de anos nessa unidade de ensino, as singularidades do corpo aprendente e os esforços dessa grupalidade, no intuito de pensar e fazer currículos com estudantes da EJA e para eles.

Nesse percurso, orientamo-nos com base na *Filosofia da Diferença,* de Deleuze e Guattari, como referencial teórico que, rompendo com a lógica da identidade e da representação, busca afirmar a vida em constante devir; não opera por modelos, mas atenta aos acontecimentos e a tudo que escapa. Assim, seguimos os caminhos compondo com ferramentas conceituais de alguns autores, como Deleuze e Guattari (1995, 1996), Deleuze (2019), Foucault (2013, 2021), Rolnik (2018), Guattari e Rolnik (1986), Gallo (2003), entre outros, considerando suas contribuições teórico-conceituais tanto para o objeto da pesquisa em curso quanto para sua metodologia.

Habitando esse imbricado território, levantamos a seguinte problematização: Como as macro/micropolíticas engendram currículos nômades, configurando linhas de fuga nos cotidianos escolares da Educação de Jovens e Adultos? O objetivo dessa escrita-resistência é coletivizar e abrir passagens para as ressonâncias de uma cartografia das micropolíticas e seus movimentos nômades, configurando linhas de fuga em relação ao modelo curricular hegemônico. Acompanhar os movimentos de criação de currículos insurgentes em todas as formas e forças que permeiam esse processo requer de nós, a princípio, a compreensão de currículos como algo mutável, fluido e construído a partir dos encontros, quando entramos em relação. De acordo com Carvalho (2019, p. 60):

O currículo muda à medida que nos envolvemos com ele, refletimos sobre ele, consideramos sua complexidade tecida em redes de conversações e agimos em direção à sua realização, buscando nos afetos a afecções, a potência inventiva de um cotidiano escolar não burocratizado e normalizado.

Trazemos, então, outras possibilidades de currículos, criados desde as heterogeneidades dos corpos coletivos nos cotidianos escolares, entendendo-os como currículos nômades*,* que se constituem como linhas de fuga ao modelo padronizado de ensino, escapam às segmentações, desterritorializando-se e reterritorializando-se, se produzem no acontecimento, agenciam conexões e produzem novas realidades como modo de resistir aos aprisionamentos das reproduções e representações.

Pensamos a coletividade mediante as composições das multiplicidades que se relacionam de forma intensiva. Nesse sentido, a coletividade não é vista como um aglutinamento de indivíduos, mas como um agenciamento coletivo, que se forma desde as conexões heterogêneas que se estabelecem entre as multiplicidades. Nos trajetos da escrita, entre forças que deslocam, assentam, expandem, retraem, propomos potencializar as experiências curriculares coletivas como forças micropolíticas e, assim, retomamos o objetivo de cartografar as micropolíticas que engendram currículos nômades*.* Para tanto, buscamos acompanhar os movimentos no pulsar dos corpos coletivos, nos afetos e afecções, nos sentidos que assumem um ensino-aprendizagem que converse com as diferenças intrínsecas a uma *educação menor* (Gallo, 2003). Contudo, precisamos estar atentos às forças em relação, visto que

[...] também no âmbito de uma educação menor corremos o risco da reterritorialização, da reconstrução da educação maior. Os atos militantes podem ser cooptados, reinseridos no contexto da máquina de controle, perdendo seu potencial libertário. Ou, na perspectiva de fazer-se máquina, resultante dos agenciamentos, a educação menor pode despotencializar-se, ao permitir que se torne nova máquina de controle. A permanência do potencial de uma educação menor, a manutenção de seu caráter minoritário está relacionada com sua capacidade de não se render aos mecanismos de controle; é necessário, uma vez mais, resistir. Resistir à cooptação, resistir a ser incorporado [...]. Educação menor como máquina de resistência (Gallo, 2003, p. 177).

Com o atual cenário da educação, no qual emerge um modelo curricular unificado proposto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que reforça a educação como dispositivo de poder do Estado dentro da lógica capitalista, podendo ser identificado aqui como uma macropolítica, torna-se cada vez mais relevante pensarmos as formas de criar conexões entre *teorias-práticas* educacionais com produção de processos de subjetivação que sejam significativos para estudantes e professores(as) de escolas públicas. Assim, quais as possibilidades de concebermos currículos como movimentos de insurreição, como linhas errantes nas escolas? Como suscitarmos conversações sobre as possibilidades de fazer currículos e docências de forma multilinear, produzindo novos saberes, imagens, teorias, práticas e pensamentos para além da formação imposta pelo Estado, aquela padronizada que, conforme Foucault (1987), pretende a docilização dos corpos e pressupõe unidade? Como pensarmos currículos na Educação de Jovens e Adultos, em especial, escapando das formas de adaptações do currículo prescrito na BNCC, pensado para os estudantes do ensino fundamental em “idade própria”?

Buscamos tanto acompanhar a criação de currículos que ultrapassam os limites do currículo prescritivo quanto mapear, com a câmera e o diário de bordo como ferramentas cartográficas, mapear os processos inventivos no chão da escola, com o olhar sensível às enunciações e fazeres do corpo aprendente que, mediante os afetos e afecções, forjam novas composições curriculares, para, então, coletivizarmos as experiências desta pesquisa cartográfica.

***Os espaços de aprendizagem: do sacralizado ao dessacralizado***

Essas tessituras das enunciações e fazeres coletivos que se produzem nos espaços/tempos escolares provocam-nos o pensamento mais profundo sobre as delimitações do que é considerado tradicionalmente o espaço de aprendizagem e como essa delimitação dos espaços entre os muros da escola aprisiona a inventividade e as possibilidades de agenciamentos heterogêneos cujas forças podem criar novas realidades naquela coletividade. Consideremos, então, que a própria noção de espaço é mutável, uma construção histórica que assume diferentes sentidos conforme o tempo. Assim, segundo Foucault (2013):

A época atual seria, talvez, sobretudo a época do espaço. Estamos na época da simultaneidade, estamos na época da justaposição, na época do próximo e do distante, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo é experimentado [...] (Foucault, 2013, p. 113).

O autor acrescenta que existem espaços que foram concebidos e sacralizados ao longo do tempo, tais como o espaço religioso, o ambiente familiar, o local de trabalho. Na escola, por sua vez, existe a sala de aula configurando esse espaço sacralizado, concebido tradicionalmente como o local destinado à aula, às práticas curriculares, ao professor-aluno. Dito isso, entendemos que é um desafio difícil, mas necessário, o esforço coletivo para o agenciamento de forças que possibilitem o rompimento dessa lógica maquínica e limitante que persiste em enrijecer as fronteiras da escola. Foucault (2013), conclama o olhar, não para o espaço do dentro, mas para o espaço do fora, ou seja, para o não sacralizado, para os espaços outros.

Entendemos os diferentes espaços escolares como lugares de aprendizagens possíveis enredados às relações e posicionamentos que não são, de modo algum, engessados, mas são circunstanciais e mutáveis. Assim, há a necessidade de levarmos as práticas dos corpos coletivos a ocupar e experimentar todos os espaços possíveis, em um movimento de deslocamento do lugar-comum, do lugar consagrado, em busca de outros espaços não sacralizados e definidos pela sociedade por suas funcionalidades, um movimento de mudança de posicionamento, de sair de si e deslocar o pensamento sobre outros modos de ser e estar. Nesse sentido, consideramos a proposição de Foucault (2013) pela busca da noção de espaço como posicionamento. Segundo o autor, tal deslocamento refere-se tanto aos espaços físicos delimitados e concebidos para funções determinadas, quanto ao deslocamento do pensamento, como outros posicionamentos em relação aos espaços e suas funcionalidades. Podemos pensar, sobretudo, como esse novo olhar para os espaços de aprendizagem contribui para outros modos de fazer educação, novos posicionamentos que nos transportam a outros lugares e apontam *o fora* – o *não lugar,* que, conforme Foucault (2013), é o espaço não sacralizado, o espaço de transgressão, em relação tanto ao espaço físico quanto ao espaço do pensamento.

Precisamos apropriar-nos desses espaços e entendê-los como possibilidades de potencializar os processos de ensino-aprendizagem, de modo que não sejam apenas extensões da sala de aula – o que ainda carregaria algo de sacralizado – mas, aquele lugar transgressor do fora, do posicionamento, no qual podemos fazer uso de todos os recursos possíveis, em diferentes conexões para transbordar para o fora de nós mesmos, rompendo com a lógica que insiste em nos engessar e compartimentar no lugar sacralizado. É-nos possível ensinar e aprender no momento do lanche no refeitório, em uma caminhada pelo pátio, no silêncio da leitura na biblioteca ou no barulho das leituras grupais e trocas coletivas, na circulação dos corredores, nas imprevisibilidades dos acontecimentos e nas infinitas possibilidades para além dos muros da escola. Em geral, as escolas têm muitas possibilidades para além dos espaços compartimentados das salas de aula, mas o engessamento da educação em um modelo maquínico capitalístico que tenta aprisionar as intensidades que compõem os processos de ensino-aprendizagem em uma escola quase industrial, ainda é tão forte e presente, que é difícil romper com essa lógica tão solidificada. São recorrentes os discursos entre estudantes e até mesmo docentes, que dão conta de uma visão mais tradicionalista da relação ensino-aprendizagem, que reproduzem enunciados conservadores no cotidiano da escola, a saber: “Uma aula fora da sala de aula, sem conteúdo no quadro, não é aula!” (Registro do diário de bordo).

Ainda é bastante presente a imagem desse espaço como o único possível para ensinar e aprender, bem como a imagem do professor como o detentor absoluto do saber. Especialmente, na Educação de Jovens e Adultos, quando grande parte dos indivíduos têm essa noção naturalizada, pois foi a única experiência que tiveram em tempos remotos da vida e, ao retornarem à escola, reproduzem ou esperam que seja reproduzido aquele modelo de ensino-aprendizagem que experienciaram no passado. Há, notadamente, um esforço em conservar aquilo que, de certo modo, é mais cômodo e mais seguro. Contudo, quando nos posicionamos a pensar sobre esses modos outros de fazer currículo, já estamos promovendo ali um espaço de mudança e, quando entramos em relação, os agenciamentos acontecem. Assim, naquela esfera insurrecional (Rolnik, 2018), estamos promovendo *micropolítica* (Guattari; Rolnik, 1986). Apesar de toda a compartimentação presente nas escolas, e isso é inegável, também é inegável que a vida pulsa nas multiplicidades de possibilidades, espaços, encontros, ferramentas, saberes e, sobretudo, nos afetos alegres que florescem na diferença.

Como podemos deslocar nossos pensamentos e práticas para novos contextos educacionais acontecerem? Quais as formas e forças que prevalecem em relação aos espaços existentes nas escolas? Como podemos fazer currículos na/com a/para a EJA, transbordando os espaços compartimentados? Propomos pensar a educação e as aprendizagens, considerando que as experiências para além da sala de aula, nos espaços variados da escola e, ultrapassando os muros da escola, constituem um modo possível de fazer este deslocamento: o contato com a comunidade, a vida urbana, as paisagens, a história, a arte, a cultura, experiências que se misturaram em múltiplas aprendizagens. Um fazer curricular engendrado pelo corpo coletivo aprendente.

Em nossa busca, por transgredirmos os limites do espaço sacralizado da escola, visitamos um museu dedicado às atividades de difusão e memória da história e cultura dos povos afrodescendentes. O encontro ocorreu após a realização de alguns momentos de apresentações de trabalhos e conversações sobre estudos acerca das relações étnico-raciais, diversidade cultural afro-brasileira e indígena e racismo estrutural no Brasil. Os próprios estudantes apontaram esses temas de interesse que nos abriram caminhos para as composições com todo o corpo coletivo escolar. A visita ao museu foi mais uma experimentação potente desta coletividade, entre muitas outras que houve no ano letivo de 2023, mais uma vez, desterritorializando as aprendizagens dos espaços sacralizados, dos fazeres formatados e das teorias engessadas, para expandir-se, transbordando os limites impostos. Ao acompanharmos esses movimentos, entendemos que não se trata apenas de uma visita a outro espaço físico, mas, sob um olhar sensível, podemos perceber a beleza dos encontros, os impactos positivos que causam, no corpo aprendente, a alegria dos afetos que transbordam, os múltiplos saberes que vão emergindo naquele encontro.

**Figura 1: Composições coletivas de currículos nômades**



Fonte: Acervo pessoal/ acompanhamento cartográfico.

Assim, fomos compondo com o outro, afetando e sendo afetados. Essas outras experimentações para além das paredes da sala de aula abrem-nos possibilidades de infinitas conexões que se vão estabelecendo, também, nas experimentações com o fora. No encontro dos corpos, os *afetos* e *afecções* que acontecem vão delineando outras aprendizagens, outros caminhos para além dos planos trilhados inicialmente nos planejamentos. As experiências compartilhadas por nossa grupalidade foram importantes oportunidades de acompanharmos esse processo de composição curricular que desloca nossos fazeres coletivos e a perspectiva engessada que, por vezes, temos acerca dos currículos. Além disso, tão importante quanto esses movimentos em outros espaços é o espaço como posicionamento, que abrimos em nossos encontros para as conversações e composições, para estarmos sensíveis às enunciações da grupalidade, para pensarmos sobre as funcionalidades e limites atribuídos aos lugares de aprendizagem.

*Em movimentos sem fim...*

Concluímos que concentrar a força dos fazeres educacionais nos encontros coletivos e nos cotidianos escolares significa que compreendemos currículos de modo mais amplo, para além do prescritivo, do processo de ensino-aprendizagem individualizante, mas como currículos que se constituem e se afirmam na potência dos saberes que se produzem nas composições das construções coletivas, nas singularidades dos acontecimentos experienciados.

As experiências dos encontros e práticas grupais e de uma coletividade heterogênea tanto possibilitam incessantemente os agenciamentos de outros modos de pensar a educação, outras possibilidades de *teorias-práticas* e inventividades de modos outros de ensinar e aprender quanto levantam dúvidas ante as certezas e movimentos criativos, diante das inflexibilidades do que é imposto. Assim, acompanhar esses movimentos coletivos atravessados por saberes, linguagens, corpos, imagens, afetos e afecções significa que estamos imersos nesses processos imbricados de experimentações e compartilhamos continuamente esses outros possíveis que se vão constituindo na Educação de Jovens e Adultos.

Em nosso objetivo de cartografarmos as macro/micropolíticas em seus emaranhados rizomáticos pelas conexões heterogêneas e multiplicidades que habitam os cotidianos escolares e, coletivamente, engendram currículos nômades, traçando linhas de fuga ao modelo hegemônico, consideramos essa escrita-resistência como uma possibilidade de coletivizar e abrir caminhos para as ressonâncias de outros processos de subjetivação, outros modos de ser e estar no mundo. Entendemos que acompanhar os movimentos de criação de currículos insurgentes em todas as formas e forças que permeiam esse processo requer de nós uma visão ampliada de currículo como algo mutável, fluido e construído nos encontros, nos acontecimentos, nas imprevisibilidades, quando entramos em relação.

Na escrita da pesquisa cartográfica, pesquisador e objeto emergem coletivamente no texto. Ao escrever sobre sensações, enunciações, imagens, paisagens, detalhes do campo, é o coletivo que se faz presente no texto. As palavras tecidas nas experimentações nascem das afecções que acontecem nos encontros, nos agenciamentos, na coletividade, nas mudanças de rota. “O acompanhamento dos processos exige também a produção coletiva do conhecimento. Há um coletivo se fazendo com a pesquisa, há uma pesquisa se fazendo com o coletivo.” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 73). Em uma imersão cartográfica, nossa pesquisa lança-nos ao aprendizado das construções coletivas de fazeres inventivos no plano das intensidades dos cotidianos da Educação de Jovens e Adultos.

Assim, consideramos que não há uma única rota. Não nos é possível fixar, determinar, ou propor um modelo de currículo a partir dessas experienciações dos encontros coletivos, tampouco constitui nosso objetivo com a pesquisa propor moldes, decalques e tentativas de representações. Contudo, entendemos que esses processos em fluxos intensivos criam diferentes linhas que escapam ao modelo homogeneizante e hegemônico de ensinar-aprender, linhas errantes que se constituem em movimentos micropolíticos como insurgências da coletividade e potencializam a vida. Entendemos que coletivizar esses processos cria ressonâncias que vão estabelecer infinitas conexões e engendrar linhas de fuga a outras realidades para fora dos limites instituídos.

**REFERÊNCIAS**

CARVALHO, Janete Magalhães. Macro/Micropolítica, Cotidiano escolar e Constituição de um Corpo Coletivo em Devir. São Paulo: EDT, 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Micropolítica e segmentariadade. Tradução de Suely Rolnik. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DELEUZE, G.; GUATTARI. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, v. 1, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed 34, v. 3, 1996.

DELEUZE, Gilles. Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)/Gilles deleuze; tradução para o português Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Francisca Evilene Barbosa de Castro, Hélio Rebello Cardoso Júnior e Jefferson Alves de Aquino. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2019.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Currículo-docência-menor e pesquisas com os cotidianos escolares: sobre possibilidades de escapes frente aos mecanismos de controle do Estado. São Paulo, 2017.

FOUCAULT, M.  Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização, introdução e revisão técnica Roberto Machado. 11 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FOUCAULT, Michel. O corpo utópico: as heterotopias. (1966). Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Edições n-1, 2013.

GALLO, Sílvio. Deleuze & a Educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

ROLNIK, Suely. Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1, 2018.